**RESUMO EXPANDIDO EPCA 2024**

**NARRATIVAS AUTÔNOMAS E NET-ATIVISMO INDÍGENA:**

**TECNOLOGIAS ANCESTRAIS NA PRODUÇÃO DA REDE WAYURI**

**(Evandro J. M. LAIA - UFOP)[[1]](#footnote-0)**

**RESUMO**

Os povos indígenas do Brasil experimentam um processo de apropriação de tecnologias que ampliam as redes territoriais, forjando novos modos de tradução e visibilidade de culturas e conhecimentos locais. Se por um lado esta nova condição insere povos indígenas na lógica da hipervigilância a partir de produção de rastros de movimentação na rede, ao mesmo tempo agencia novas formas de preservação dos territórios, dos costumes e, principalmente, da floresta. A partir da observação netnográfica de uma experiência de comunicação indígena plataformizada na Amazônia investigamos as hipóteses de que: 1) por meio da circulação de narrativas autônomas na fissura da plataformas digitais, desenha-se uma forma de cidadania em colaboração com entidades humanas e não humanas; 2) que pode oferecer pistas para pensar uma comunicação não antropocêntrica e uma teoria social para além do humanismo. Observamos a Rede Wayuri de comunicadores indígenas, composta por membros das 23 etnias distribuídas entre sete Terras Indígenas do Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, uma experiência inovadora de net-ativismo, em diversas línguas originárias, além do português, que narram e conectam a Floresta Amazônica, hoje entendida pela ciência como fundamental para a regulação climática global e cuja preservação depende da diplomacia das populações que nela vivem.

**Palavras-chave:** Comunicação indígena 1. Redes digitais 2. Tecnologias ancestrais 3. Net-ativismo 4. Plataformização 5.

**1. INTRODUÇÃO**

Os povos indígenas do Brasil experimentam um processo de apropriação de tecnologias que amplificam as redes territoriais tecidas desde um tempo imemorial. Esta experiência altera a condição habitativa, como afirmam Massimo Di Felice e Eliete Pereira (2017, p.42), complexificando uma ecologia que já era reticular antes mesmo da chegada da internet, ao unir "os povos envolvidos, suas culturas, seus territórios, sua biodiversidade aos circuitos informativos digitais por meio de um singular dinamismo tecno-comunicativo-habitativo". Este processo cria novos modos de tradução e visibilidade de culturas e saberes locais, forjando as condições para um experiências inovadoras de net-ativismo. As plataformas digitais funcionam como espaço para reverberação de vozes que não acessavam os meios para produção e disseminação de narrativas e, exatamente por isso, eram traduzidas apenas por aqueles que tradicionalmente ocupavam os lugares de mediadores, nos veículos de comunicação. Desta experiência redutora emergiu todo um imaginário sobre aqueles que estavam fora do seleto “clube da humanidade”, para usar as palavras do pensador indígena brasileiro Aílton Krenak (2019, p.21), ou seja, os povos "das bordas do planeta", "aqueles que ficam meio esquecidos (...) nas margens dos rios, nas beiras dos oceanos, na África, na Ásia ou na América Latina. São caiçaras, índios, quilombolas, aborígenes - a sub-humanidade".

Este processo intensificou-se com os movimentos sociais em rede, da Primavera Árabe ao Junho de 2013, e tem desdobramentos em curso até hoje. Acompanhei com atenção o surgimento destes movimentos, especialmente no Brasil, durante a realização da Copa do Mundo de 2014, na cidade do Rio de Janeiro, e nos Estados Unidos, durante as primeiras manifestações do movimento Black Lives Matter, em 2015, na cidade de Nova Iorque. Tal experiência tornou-se ponto de partida para pensar um certo uso do telefone celular de modo ativista (Medeiros e Bravin, 2023), uma espécie de antessala da produção de narrativas autônomas como observamos hoje, ou seja, "uma infinidade de relatos diversos, unidos pela ideia de visibilizarem situações que costumam ficar de fora do agendamento midiático, frequentemente a partir de plataformas de acesso gratuito" (Laia, 2023, p.3). Ao trazer para o ecossistema midiático vozes dissonantes no processo de construção de discursos coletivos, as ferramentas de *streaming* produzem traduções menos redutoras, no encontro de diferentes perspectivas, o que, a partir da contribuição do pensamento indígena, chamei de *comunicação pelo equívoco* (Laia e Guimarães, 2022).

É a partir deste aporte de pesquisa e extensão que apresento nesta proposta um recorte específico de investigação, a observação do trabalho realizado pela Rede Wayuri de comunicadores indígenas, que atua no Alto Rio Negro, no estado do Amazonas, produzindo comunicação sobre a floresta numa perspectiva não antropocêntrica que destoa da mídia hegemônica. A partir desta experiência esperamos mapear estratégias de apropriação e uso das tecnologias ancestrais e das redes digitais na construção e circulação de narrativas autônomas. Di Felice e Pereira (2017, p.47), lembram que, para além da ideia de uma rede de rede, formada por redes ancestrais conectadas a redes digitais, a própria Floresta Amazônica compõe um universo complexo, entendida pela ciência como fundamental para regulação climática regional e global (Nobre et. al., 1991, apud Di Felice e Pereira, 2017). Daí a justificativa de se realizar esta pesquisa no Sostenibilia - Observatório internacional de teoria social para novas tecnologias e sustentabilidade, na Universidade de Roma La Sapienza. O Sostenibilia é um centro internacional onde se desenvolve a tarefa de forjar um "paradigma ecológico" (Nocenzi, 2019) para a sociologia. A pesquisa é realizada com recurso da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), por meio da *Diretriz 500/2024: Mobility Confap Italy*.

**2. COMENTÁRIO DO CONTEÚDO**

Como lembram Luciana de Oliveira, Júlio Figueroa e Bárbara Altivo (2021, p.3), as manifestações e os movimentos de resistência e práticas comunicacionais que vicejam a partir dos povos indígenas e das mais diversas experiências de afirmação afrodiaspóricas (quilombolas, de terreiros e de coletivos negros), oferecem "inventivas formas de afirmação existencial (linguísticas, territoriais, culturais, religiosas, científicas, filosóficas, poéticas) e de autorreparação de traumas históricos e injustiças no campo dos direitos". Ou seja, os modos de produzir a vida e comunicação que os povos que vieram antes de nós deixaram como legado são tecnologias ancestrais que "estão carregadas de significados e sentidos e são fontes abundantes de cosmovisões, de saberes ritualísticos e de aproximações responsáveis com a pachamama", afirmam Fellner, Oliveira e Merkle (2020, p.328).

É neste sentido que Eliete Pereira (2023) propôs esboçar uma genealogia da comunicação digital indígena no Brasil, retomando estudos anteriores. Tais experiências configuram-se como alianças entre tecnologias digitais e ancestrais para preservação e difusão de saberes. A produção de narrativas sobre si, sobre os seus corpos, culturas e territórios não esgotam o repertório de conexões desses movimentos, mas representam um ponto em comum. Estes relatos, ainda que diversos, estão marcados por três caraterística em comum (Laia, 2023a): 1) o uso da tecnologia streaming e de grandes plataformas de acesso gratuito; 2) a produção de narrativas autônomas que furam o “bloqueio da mídia”, agendando a mídia tradicional; 3) o potencial de produzir traduções menos redutoras da diferença. Essa ambiência tornou possível produzir narrativas autônomas de quatro modos diferentes: 1) o vídeo como prova de violação de direitos; 2) as audiovisualidades emergentes a partir das lives da pandemia; 3) as narrativas das bordas do planeta e 4) as narrativas negacionistas.

Interessa, para esta investigação, o terceiro contexto, das vozes das bordas do planeta, o qual inclui a experiência indígena na internet, como inventariada por Pereira (2023) como um mapeamento ancestral, visto que a condição conectiva marca o modo de existência desses povos, seja por experiência como o xamanismo e outras tecnologias ancestrais análogas, seja pela experiência da web. Com o incremento das tecnologias digitais de informação e comunicação, os povos indígenas aprimoram as práticas de proteção da floresta ao mesmo tempo em que inovam, ao incorporá-los aos sistemas tradicionais de comunicação (Di Felice e Pereira, 2017). Massimo Di Felice (2017) define o net-ativismo como uma tomada coletiva da palavra, por meio das redes digitais. Impulsionada pela difusão da banda larga e das formas de conexão Wi-Fi, a dimensão da interação nas redes vai além da lógica da troca opinativa entre cidadãos, “própria das dinâmicas de interação da esfera pública” (Di Felice, 2017, p. 97). Mais do que isso, na perspectiva do net-ativismo, configura-se como interações reticulares complexas, que permitem a experimentação de ações colaborativas resultantes da troca de informações entre humanos, dispositivos de conexão e dados. É o caso dos projetos de comunicação e resistência indígena em expansão na Amazônia, como a Rede Wayuri.

É importante registrar que a palavra digitalização, usada por Eliete Pereira (2023) em seu inventário trata, de acordo com André Lemos (2021), do processo de conversão do objeto analógico em digital, que teve início com o avanço da microinformática. O que vivemos mais recentemente é o processo de dataficação, que se constitui a partir de métodos de coleta, processamento e tratamento de dados, pelas grandes plataformas digitais, para produzir diagnósticos, com o intuito de realizar predições. Assim, a partir da definição de Lemos, entendo que a presença indígena na internet apontada no mapeamento e em curso nesta pesquisa ainda é majoritariamente marcada por processos de digitalização. Um dos motivos para isso é a baixa qualidade de acesso à internet em áreas remotas do Brasil, em especial, a partir da observação que realizamos, ao longo dos dois anos do Projeto Cidadania Digital (Magalhães e Nascimento, 2024), em comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas.

A simples presença nas redes sociais insere estas comunidades também no processo de dataficação, já são majoritariamente parte de grandes plataformas globais que aglutinam poder e governança (Poell et al, 2020, p.3). Ainda que a partir deste modelo, entendemos que as plataformas digitais inauguraram a possibilidade de circulação de relatos autônomos.

É preciso pensar qual foi e qual é o espaço de visibilidade alcançado até então na cobertura midiática pelos povos das bordas. É preciso, ainda, sem dúvida, avaliar qual é a possibilidade concreta das expressões destes povos serem traduzidas de modo autônomo, menos redutor, para além dos modos de produção emulados pelo net-ativismo. Este caminho já vem sendo percorrido por outros povos das bordas. (Laia, 2024, p.150)

É nesta perspectiva que convém, portanto, investigar como as narrativas autônomas produzidas e circuladas a partir das bordas do planeta se inscrevem na ecologia da cidadania digital.

**3. DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA**

Partimos da Teoria Ator-Rede (Latour, 2005; Lemos, 2013, 2021) para pensar uma rede sociotécnica e acionar, assim, uma certa humanidade estendida a outros existentes pelos povos das bordas do planeta, pelas gentes que habitam territórios geográficos cujo *locus* produz subjetividades outras, para além do movimento do indivíduo moderno ocidental, rumo à construção de um paradigma ecológico. Tal modo de existência contempla um ponto a ser observado aqui, em diálogo com a TAR, imaginando cartografias estendidas para além do humano: a subjetividade dos rios, montanhas, superando alegorias e metáforas a que estamos acostumados na academia. É deste modo que almejamos investigar a arquitetura informativa da Rede Wayuri, que apresenta traços de um movimento net-ativista, no que tange à formação de redes de conexão entre humanos não-humanos, na medida em que revelam uma nova morfologia ecológica e social, por contar ainda com a presença interativa da floresta, das árvores, dos rios, dos softwares.

A Rede Wayuri de comunicadores indígenas formou-se em 2017, como parte da resistência das comunidades da região, com apoio do Instituto Socioambiental (ISA) e da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN) e tem uma sede física na cidade de São Gabriel da Cachoeira, no estado do Amazonas. A rede é composta por membros das 22 povos distribuídos entre sete Terras Indígenas (TIs) do Alto Rio Negro (Lozovei, 2021, p.243). A produção de boletins em áudio, em diversos idiomas locais, ocupa um papel central na rotina produtiva desse coletivo. Embora a produção seja feita de modo digital, na sede do grupo, a distribuição pode-se dar tanto digitalmente quanto analogicamente, por meio de pen drives que são enviados por barcos para pontos remotos da mapa e depois reproduzidos em rádios-postes ou rádios-árvores (Ferraz e Melo, 2024).

A partir de pesquisa exploratória inicial já é possível afirmar que há vídeos, produzidos por comunicadores ou apropriados a partir de colaborações; há produções textuais e, principalmente, há muitos trabalhos radiofônicos produzidos no formato podcast, em função da acesso restrito à internet, em muitas regiões. Já produzimos duas entrevistas com a editora do principal produto da rede, o podcast Papo de Maloca, da comunicadora Cláudia Ferraz, da etnia Wanano. O projeto prevê uma incursão em campo para observação das rotinas produtivas e para produção de entrevistas presenciais na sede da rede, em São Gabriel da Cachoeira. A coleta do material complementar para a pesquisa será feita a partir do procedimento da netnografia, que Robert Kozinets (2014, p.62) define como uma "pesquisa observacional participante baseada em trabalho de campo online". A abordagem usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão de um fenômeno comunal. O material será organizado e analisado durante a etapa do estágio pós-doutoral realizada presencialmente no Observatório Sostenibilia, em Roma, entre fevereiro e agosto de 2025.

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

DI FELICE, M. **Net-ativismo**: da ação social para o ato conectivo. São Paulo: Paulus Editora, 2017.

DI FELICE, M.; PEREIRA, E. S. Formas comunicativas do habitar indígena: a digitalização da floresta e o net-ativismo nativo no Brasil. In: Di Felice, M.; Pereira, E. S. (Orgs.). **Redes e ecologias comunicativas indígenas**: as contribuições dos povos originários à teoria da comunicação. São Paulo: Paulus, 2017, p. 41-62.

FELLNER, A. M. R.; OLIVEIRA, L. C.; MERKLE, L. E. Entre algumas outras tecnologias: o desafio de reafirmar a ancestralidade para transformar a contemporaneidade rumo ao bem viver. **REBELA**: Revista Brasileira de Estudos Latino-americanos, v.10, n.2. mai./ago. 2020.

FERRAZ, Cláudia; MELO, Ana Beatriz Viana de. O arco e flecha digital da Rede Wayuri: entrevista com a comunicadora indígena Cláudia Ferraz. In: MAGALHÃES, Marina; MEDEIROS, Evandro; FRANCO, Thiago, NASCIMENTO, Sebastião. (orgs.) **Relatos de uma (in)certa Amazônia**. Embu das Artes, Alexa Cultural; Manaus, EDUFAM, 2024, p.186-200.

KOZINETS, R. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LAIA, E. J. M.; GUIMARÃES, L. L. Coisas, mundos, traduções: dobras para uma comunicação pelo equívoco. In: **Contracampo**, vol.41, n.3, set./dez. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/52775>. Acesso em 19 jul. 2024.

LAIA, E. J. M. Desafios para autonomia narrativa no Baixo Amazonas: a experiência de duas comunidades ribeirinhas. In: MAGALHÃES, M.; MEDEIROS; E.; FRANCO, T. & NASCIMENTO, S. (Orgs.) **Relatos de uma (in)certa Amazônia**. Embú das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus: EDUFAM, 2024, p. 132-153.

LAIA, E. J. M. Notas para uma ecologia das narrativas autônomas em audiovisual streaming: do Junho de 2013 à pandemia. **Mídia e Cotidiano**, v. 17, n. 2, 19 maio 2023.

LATOUR, B. **Reassembling the Social**: an introduction to Actor-Network-Theory. New York: Oxford University Press, 2005.

LEMOS, A. **A comunicação das coisas**: Teoria ator-rede e cibercultura. São Paulo: Annablume, 2013.

LEMOS, A. Dataficação da vida. **Civitas**: revista de Ciências Sociais, v. 21, n. 2, p. 193– 202, 2021.

LOZOVEI, J. C. Estudo da Rede de Comunicadores Wayuri. **ContraCorrente**: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, [S.l.], n. 17, p. 241-260, dez. 2021.

MAGALHÃES, M.; NASCIMENTO, S. Mapeamento e diagnóstico da presença de comunidades ribeirinhas do Baixo Amazonas na internet. In: MAGALHÃES, M.; MEDEIROS; E.; FRANCO, T. & NASCIMENTO, S. (Orgs.) **Relatos de uma (in)certa Amazônia**. Embú das Artes, SP: Alexa Cultural; Manaus: EDUFAM, 2024, p. 88-106.

MEDEIROS, E.; BRAVIN, A. (orgs.) **Ativismos, Segurança Digital e Narrativas Autônomas**. Mariana, MG: UFOP, 2023.

NOCENZI, M. La sostenibilità può essere un paradigma per le scienze sociali? In: Nocenzi, M. (org.). **Verso una società sostenibile**: (Non) umani, retti, città e la sfida del cambiamento. Roma: Edizioni Nova Cultura, 2019, p.15-33.

OLIVEIRA, L.; FIGUEROA, J. V.; ALTIVO, B. Pensar a comunicação intermundos: fóruns cosmopolíticos e diálogos interepistêmicos. **Galáxia**, no 46, 2021, pp.1-17.

PEREIRA, E. S. Genealogia e perspectivas epistemológicas da comunicação indígena digital no Brasil. In: Magalhães, M.; Di Felice, M.; Franco, T. (Orgs.). **Cidadania digital**: a conexão de todas as coisas. São Paulo: Alameda, 2023, p. 129-154.

POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras**, v.22, n.1, 2020, p.2-10.

1. Pós-doutorando em Comunicação no Departamento de Comunicação e Pesquisa Social na Università di Roma La Sapienza. Professor do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do grupo Emergências: coletivo de pesquisa, extensão e ativismo em comunicação (UFOP/CNPq). E-mail: evandro.medeiros@ufop.edu.br. [↑](#footnote-ref-0)